

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

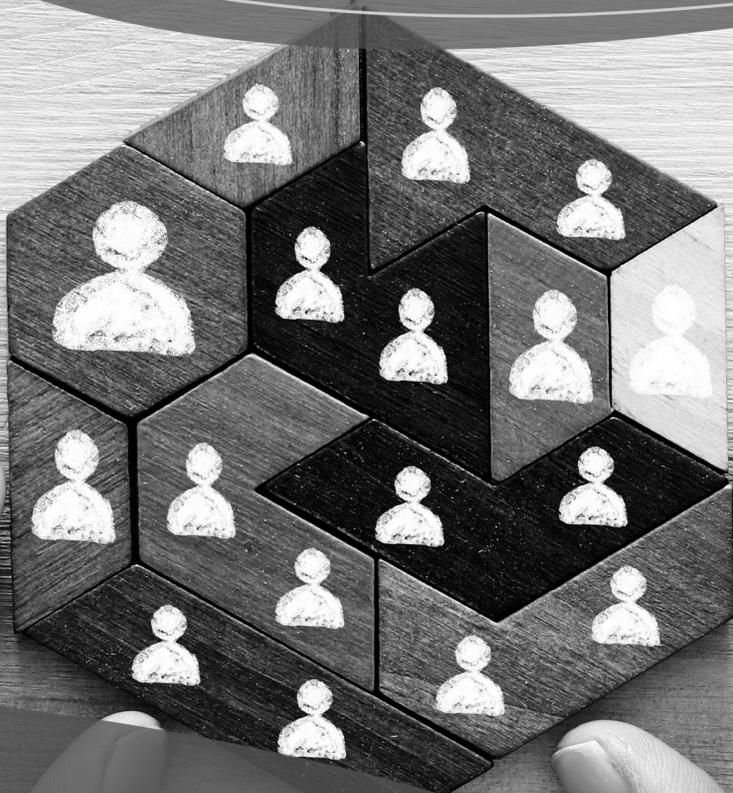


*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

Atena
Editora

Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas



*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências sociais aplicadas: necessidades individuais & coletivas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] :
necessidades individuais & coletivas / Organizadora
Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa,
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-364-4

DOI 10.22533/at.ed.644200909

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. I.
Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 340

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas”, são ao todo trinta e dois artigos organizados e apresentados em dois volumes.

As pesquisas abordam temas relevantes que visam identificar, analisar e refletir sobre as relações estabelecidas entre os fenômenos sociais, econômicos e políticos no atual contexto.

No primeiro volume apresenta-se quatorze artigos com pesquisas relacionadas a três eixos temáticos: Desenvolvimento tecnológico, inovação e sustentabilidade; Consumo, comunicação e informação e Educação e processos de formação voltados para a cidadania e práticas emancipatórias.

O segundo volume é composto por dezoito artigos que tratam sobre políticas públicas e gestão pública e os impactos no atendimento das demandas relacionadas a área de saúde, profissionalização, socioeducação, sistema judiciário e processos de institucionalização. Os artigos analisam também os aspectos políticos e coligações partidárias.

Os artigos possibilitam o reconhecimento e análise de maneira mais aprofundada dos temas abordados, bem como, podem contribuir para a realização de novos questionamentos e pesquisas, com aproximações sucessivas das relações sociais e desvelamento das necessidades individuais e coletivas existentes no atual contexto

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

COLIGAÇÕES E ASSOCIAÇÕES PARTIDÁRIAS NA COMPETIÇÃO ELEITORAL:
TRAJETÓRIA E SELEÇÃO DE CANDIDATURAS (MARABÁ 2015 - 2016)

Samuel Martins de Lima

Marilza Sales Costa

DOI 10.22533/at.ed.6442009091

CAPÍTULO 2..... 16

A CONTRIBUIÇÃO DAS FIBRAS PRESENTES NO BAGAÇO DO CAJU NAS
PROPRIEDADES FÍSICAS DO CONCRETO ARMADO E ALVENARIA ESTRUTURAL

Lucas Emanuel Fernandes Araújo

Francisco Gustavo Pessoa Jovino

Juscelino Chaves Sales

DOI 10.22533/at.ed.6442009092

CAPÍTULO 3..... 24

PRÁTICAS EMERGENTES NA ARTICULAÇÃO ENTRE SUSTENTABILIDADE E DESIGN
DE VESTUÁRIO

Valdecir Babinski Júnior

Mariana Moreira Carvalho

Jussara Dagostim

Ana Paula Voichinevski da Silva Milanese

Neide Köhler Schulte

Lucas da Rosa

DOI 10.22533/at.ed.6442009093

CAPÍTULO 4..... 38

COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR INFANTIL: O CONSUMO PELOS TWEENS E
SUAS RELAÇÕES SOCIAIS

Mariana Tomaz Silva

Rita de Cássia de Faria Pereira

Patrícia Lacerda de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.6442009094

CAPÍTULO 5..... 53

PUBLICIDADE E CULTURA: A ANÁLISE DA LINGUAGEM DISCURSIVA REGIONAL NO
ANÚNCIO AUDIOVISUAL

Alessandro Luchini Zadinello

DOI 10.22533/at.ed.6442009095

CAPÍTULO 6..... 67

QUEM ESCOLHE O QUE VOCÊ LÊ? O IMPACTO DA PLATAFORMIZAÇÃO DA
SOCIEDADE NO CONSUMO DE NOTÍCIAS

Cristina Siqueira Pacheco

Sandra Portella Montardo

DOI 10.22533/at.ed.6442009096

CAPÍTULO 7..... 74

O CONSUMISMO EM PROL DA OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA: UM DILEMA CRESCENTE DO SÉCULO XXI

Helena Francisco de Oliveira Lima

Priscila Silva Esteves

DOI 10.22533/at.ed.6442009097

CAPÍTULO 8..... 82

MERCADOS DE INFORMAÇÃO: PRODUTOS E SERVIÇOS NA ARQUIVOLOGIA

Ismaelly Batista dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.6442009098

CAPÍTULO 9..... 92

DIPLOMA E PROFISSÃO, PARADOXOS DA FORMAÇÃO SUPERIOR

Elane Luís Rocha

Mara Rúbia Alves Marques

DOI 10.22533/at.ed.6442009099

CAPÍTULO 10..... 105

“O SINAL ESTÁ FECHADO PRA NÓS, QUE SOMOS JOVENS”? AS RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

Marcos Rangel de Sousa Costa

Luciano de Melo Sousa

Gabriel Eidelwein Silveira

DOI 10.22533/at.ed.64420090910

CAPÍTULO 11..... 120

CURRÍCULO E PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS: UM ESTUDO DE CASO

Juliana de Souza Ramos

DOI 10.22533/at.ed.64420090911

CAPÍTULO 12..... 131

A SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E O ESTUDO DO CONCEITO DE CIDADANIA A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Michel Gustavo de Almeida Silva

Vitor Machado

DOI 10.22533/at.ed.64420090912

CAPÍTULO 13..... 143

POR UMA ESCOLA PÚBLICA INCLUSIVA: A INTEGRAÇÃO SOCIAL DE IMIGRANTES BOLIVIANOS NA EMEF ESCRITORA CAROLINA MARIA DE JESUS

Israel Filipe Santos Nascimento

Marina Nascimento Simão

DOI 10.22533/at.ed.64420090913

CAPÍTULO 14.....	157
FERROVIA, IMPRENSA, ESPORTES E SOCIEDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX EM PONTA GROSSA – PARANÁ	
Cláudio Jorge Guimarães	
Alfredo César Antunes	
Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.64420090914	
SOBRE A ORGANIZADORA	171
ÍNDICE REMISSIVO	172

“O SINAL ESTÁ FECHADO PRA NÓS, QUE SOMOS JOVENS”? AS RELAÇÕES E INTERAÇÕES CONSTRUÍDAS (OU NÃO) ENTRE A DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA E JUVENTUDES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TERESINA/PI

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 30/06/2020

Marcos Rangel de Sousa Costa

Universidade Estadual do Piauí/UESPI
Teresina – Piauí
<http://lattes.cnpq.br/6493191786856269>

Luciano de Melo Sousa

Universidade Estadual do Piauí/UESPI
Teresina – Piauí
<http://lattes.cnpq.br/3801957465653536>

Gabriel Eidelwein Silveira

Universidade Federal do Piauí/UFPI
Teresina – Piauí
<http://lattes.cnpq.br/3581967627700243>

RESUMO: O presente artigo refere-se aos estudos e interpretações sociológicos que permitem perceber a relação entre os jovens estudantes de uma escola pública de Ensino Médio de Teresina com a disciplina Sociologia. O trabalho baseia-se em uma pesquisa que teve como objetivo compreender a relação entre os jovens com a Sociologia, tendo em vista a contribuição, ou não, desta na construção das reflexões e compreensões de suas realidades sociais. Para tal, são discutidos os conceitos sobre juventude e juventudes na intenção de estabelecer as diferenças entre um conceito e outro (UNESCO, 2004; ESTEVES, ABRAMOVAY, 2007). Debate-se o ensino de Sociologia e o seu papel enquanto disciplina do Ensino Médio na formação de sujeitos

reflexivos, capazes de interpretar, compreender e questionar as sociedades e suas estruturas econômica, social e política (SILVA SOBRINHO, 2007; APPLE, 2004; SARANDY, 2004; LAHIRE, 2014). Metodologicamente, esta é uma pesquisa de caráter exploratório que desenvolveu-se a partir da realização de grupo focal e entrevistas individuais. Os resultados da pesquisa indicam que as juventudes não se relacionam com a disciplina Sociologia a partir das experiências vivenciadas em seus contextos sociais. Verifica-se que há um distanciamento dos estudantes perante a disciplina, mesmo aqueles que gostam dela, tendo em vista que a prática pedagógica conservadora do professor não os envolve em debates que incluam suas experiências, seus anseios, suas realidades e suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes, Ensino de Sociologia, Educação, Ensino Médio.

“IS THE LIGHT RED FOR US, WHO WE ARE YOUNG”? RELATIONSHIPS AND INTERACTIONS BUILT (OR NOT) BETWEEN THE SOCIOLOGY COURSE AND THE YOUTH IN A PUBLIC SCHOOL IN TERESINA/PI

ABSTRACT: This article focuses on sociological studies and interpretations that allow us to understand the relationship between young students from a public high school in Teresina with the Sociology course. The research, in which this article is based, had the goal to understand the relationship between young people and Sociology, in view of the contribution, or not, of the latter in the construction of reflections and understandings of the students' social realities. In

order to do so, the concepts of youth and youths are discussed, so that we could establish the differences between one concept and another (UNESCO, 2004; ESTEVES, ABRAMOVAY, 2007). We debate the teaching of Sociology and the role of the Sociology course, as a High School subject, in the formation of reflective beings, capable of interpreting, understanding and questioning societies and their economic, social and political structures (SILVA SOBRINHO, 2007; APPLE, 2004; SARANDY, 2004; LAHIRE, 2014). Methodologically, this is an exploratory research based on a focal group and individual interviews. The results of the research indicate that youths do not relate the course of Sociology with their experiences of their social contexts. It seems that there is a distance between the students and the course, even those who like it, considering that the teacher's conservative pedagogical practice does not involve them in debates that include their experiences, their desires, their realities and their identities.

KEYWORDS: Youths, Sociology teaching, Education, High school.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu a partir da curiosidade sociológica em se analisar as possíveis relações entre jovens de uma escola pública e a disciplina Sociologia. Esta curiosidade construiu-se a partir de observações realizadas durante o desenvolvimento, pelo primeiro autor, das disciplinas de Estágio Supervisionado I e II (curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Piauí/UESPI, Campus Poeta Torquato Neto), como também através das atividades de extensão propostas pelo programa “Humanismo Caboclo – Educação e Cidadania”¹ (UESPI). A pesquisa foi realizada na mesma escola pública onde foram realizados os estágios, situada na zona norte de Teresina.

Pensar as juventudes, quem são elas e seus espaços sociais ocupados, é um exercício sociológico recente e, por essa razão, há poucos trabalhos e pesquisas desenvolvidas dentro deste campo (SILVA, 2010). Por isso, este é um trabalho necessário, tendo em vista que esta temática é pouco abordada pelas Ciências Sociais, especialmente acerca do ensino da Sociologia nas escolas: como a disciplina dialoga com os diferentes jovens que frequentam as escolas? Há esforços de investigação sobre esses jovens nas atividades pedagógicas da disciplina Sociologia?

A juventude vai além da idade biológica, conforme preconiza o senso comum. De acordo com a UNESCO (2004, p. 23 e 25), juventude refere-se ao:

ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos [...] e, do ponto de vista demográfico, corresponde a uma faixa etária que varia segundo contextos particulares, mas que, geralmente, está localizada entre os 15 e os 24 anos de idade.

Assim, a UNESCO constrói e explora uma conceituação pragmática de juventude, caracterizando-a, principalmente, a partir do período temporal vivido e das transformações

1. “O Humanismo Caboclo é um programa de extensão da Universidade Estadual do Piauí, vinculado à coordenação de Ciências Sociais. Suas áreas temáticas são Educação e Cultura”. (Disponível em: <https://www.humanismocaboclo.com/sobre>)

biológicas que ocorrem na puberdade. Por sua vez, Luiz Esteves e Miriam Abramovay (2007, p. 21 e 22) argumentam que:

a realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades.

Isto significa que, ao observarmos as juventudes, percebemos que estas multiplicam-se em grupos juvenis diversos que se diferenciam uns dos outros ao organizarem-se de forma heterogênea, onde cada grupo, dentro do seu contexto sociocultural, político e econômico, vivencia experiências de vida e oportunidades de formas diferentes uns dos outros. Ou seja: de acordo com a forma na qual se organizam e que se reconhecem.

Neste sentido, a sociologia da juventude, conforme nos indicam Esteves e Abramovay (2007, p. 21 e 22), percebe duas formas de se discutir juventude:

Uma que considera a juventude como grupo social homogêneo, composto por indivíduos cuja característica mais importante é estarem vivenciando certa fase da vida, isso é, pertencerem a um dado grupo etário [...] Outra, de caráter mais difuso, que, em função de reconhecer a existência de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e interseções na sociedade (situação socioeconômica, oportunidades, capital cultural etc.), define a juventude para muito além de um bloco único, no qual a idade seria o fator predominante, nessa linha, vem se tornando cada vez mais corriqueiro o emprego de termo juventudes, no plural, no sentido não de se dar conta de todas as especificidades, mas, justamente, apontar a enorme gama de possibilidades presente nessa categoria.

Isto significa que, conforme discutimos até aqui, a sociologia observa duas formas de se perceber a juventude: na primeira forma, que também reitera a visão do senso comum, define-se juventude a partir do período temporal vivido pelo sujeito, cuja faixa etária é o fator determinante para que um indivíduo seja ou não jovem. A segunda forma, por sua vez, define por juventudes as múltiplas possibilidades e formas do jovem se expressar, suas formações ideológicas e de personalidade, pensamentos, comportamentos, as culturas que partilham e constroem, suas distintas participações na sociedade etc.

Complementando, Vânia Reis (2008, p. 63), parafraseando José Machado Pais (2003; 2005), nos ajuda a diferenciar juventude de juventudes e compreendê-las:

“Juventude”, no singular, não pretende uniformizar a heterogeneidade, mas referir-se a uma fase da vida, que se manifesta, se realiza, conforme a trajetória de vida que cada um vai conseguindo construir, a qual, embora seja individual, por estar imbricada em processos coletivamente vivenciados, assume também a condição de trajetória coletiva. “Juventudes”, no plural, diz respeito à multiplicidade de expressões dos jovens, nos diferentes contextos sociais em que estão inseridos

Assim, Vânia Reis constrói uma compreensão de como as juventudes se organizam e se desenvolvem a partir de suas variações e contextos sociais vividos. A autora nos sensibiliza a não limitarmos a compreensão sobre as juventudes, tão diversificadas, a uma mera fase temporal da vida, e a percebermos suas múltiplas formas de se expressarem e de vivenciarem os espaços sociais aos quais fazem parte. Maria Souza (2005, p. 92), em consonância com Vânia Reis, afirma que a

palavra 'juventude' não pode ser interpretada somente como um fenômeno demográfico a ser modelado numa 'classe de idade', com um status e uma personalidade homogênea e universal, compondo uma 'fase' distinta de 'preparação', 'espera' ou 'moratória' para o exercício maduro da vida 'adulta' responsável, séria, cidadã, produtiva e reprodutiva (isto seria, basicamente, uma extensão a adolescência).

Portanto, a palavra juventude não deveria, assim, homogeneizar tantas particularidades culturais e de expressões das juventudes numa fração de tempo, uma vez que podemos perceber inúmeros sujeitos vivenciando diversas experiências e realidades de maneiras diferentes a partir de comportamentos e realidades socioculturais também diferentes. Tampouco deveria ser uma fase da vida vista apenas como período de teste para a fase adulta, reduzindo as práticas socioculturais das juventudes a um momento da vida que apenas precede a idade adulta. Esta fase juvenil é compreendida como moratória social “ao pensar que os jovens atravessam um período de ‘quarentena’ até a entrada em um mundo de obrigações e deveres” (MÜLLER, 2005, p. 76).

Desta maneira, as Ciências Sociais podem pensar as juventudes não como sujeitos à parte dos demais grupos sociais, mas sim em relação a estes, com os mesmos direitos, com as mesmas responsabilidades e como agentes sociais que constroem as sociedades.

Paralelo a isso, deparamo-nos com o ensino de Sociologia no Ensino Médio, temática que também não é tão recorrente nas Ciências Sociais. O ponto de partida trabalhado aqui é o de uma visão consagrada sobre como e o que deve ser ensinado pela disciplina (SILVA SOBRINHO, 2007). Com isso, levamos em consideração que o ensino de Sociologia, assim como as demais disciplinas humanísticas, teriam como um de seus objetivos propiciar às juventudes do Ensino Médio um ensino reflexivo e fundamentado em debates e diálogos, compreendendo suas organizações, suas múltiplas diferenças, suas leis, e encarando suas realidades sociais a partir de uma abordagem crítica. Para tanto, os estudantes precisam compreender a juventude como um fenômeno social contemporâneo, os lugares de que fazem parte, bem como a si próprios como agentes sociais com potencial para a autonomia.

Partindo da contribuição que a Sociologia tem em sala de aula na formação dos sujeitos, observamos os papéis que a disciplina tem na formação intelectual e reflexiva das juventudes. Frisamos, que a Sociologia pode ser vista como uma ferramenta que pode auxiliar a sociedade a legitimar a ordem social vigente ou a criticá-la (APPLE, 2004; SARANDY, 2004).

Assim, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira/LDB (Lei nº 9.394/96), em seu Art. 2º, Título II, expressa que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Desta forma, ela nos mostra que a escola possui uma gama de papéis que contemplam uma formação integral do estudante. Primeiramente, parte dos “princípios de liberdade” e dos “ideais de solidariedade humana”. Esta é uma forma da escola, entre outras funções, trabalhar com a diversidade cultural da sociedade e com todas as identidades múltiplas dos estudantes que fazem parte do universo escolar, respeitando² cada identidade, individualidade e grupo cultural. Estas premissas permitem, conforme o artigo, o “pleno desenvolvimento do educando”. Isto significa que, ao respeitar a multiplicidade das identidades e ao propor uma educação que prepare os estudantes para “o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, a escola consegue atingir sua finalidade de contribuir com o pleno desenvolvimento do educando.

Neste sentido, ao questionamos: como os diferentes jovens são tomados como matéria de reflexão (ou não) da Sociologia? A abordagem desta disciplina estaria (ou não) criando obstáculos para o pleno desenvolvimento dos estudantes? Ao distanciar a Sociologia tanto da grade curricular do Ensino Médio quanto de suas práticas educativas curriculares e extracurriculares, assume-se a responsabilidade de limitar as funções da escola à mera preparação para o mercado de trabalho, como se a educação fosse responsável única e exclusivamente pelo ensino técnico. Preocupa esse distanciamento entre a Sociologia e as diversas potencialidades educativas que ela é capaz de exercer, pois a nossa disciplina, em conjunto com a educação e as premissas da LDB e da Constituição Federal, buscam um mesmo objetivo: construir um espaço escolar humanista, inclusivo e acessível, preparando o estudante para o trabalho “e” para o exercício da cidadania.

Nesse contexto, nossa pesquisa provoca: como problematizar a temática das juventudes no ensino da Sociologia na educação básica? Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs+)³, há uma orientação para contextualizar os conteúdos sociológicos a partir da produção de “novos discursos sobre as diferentes realidades sociais, a partir das observações e reflexões realizadas” (2006, p. 43).

2. Partimos da ideia de igualdade entre as identidades diversas, descartando, desta forma, o respeito às identidades que promulgam violências (tais como as identidades machistas, racistas, fascistas e afins). Para isso, apoiamos-nos no Paradoxo da Tolerância, do filósofo Karl Popper (apud ALVES, 2015), que prevê que “se estendermos a tolerância ilimitada mesmo aos intolerantes, e se não estamos preparados para defender uma sociedade tolerante contra os ataques dos intolerantes, então, os tolerantes serão destruídos, e a tolerância juntamente com eles”.

3. Como a pesquisa foi realizada no ano de 2019 e ainda não vigorava a reforma do Ensino Médio promulgada pela lei nº 13.415/17 (a mesma só entrará em vigência a partir de 2022), optamos por citar as regulamentações que, no momento, orientavam o ensino da Sociologia.

Levando em conta que o público estudantil do Ensino Médio é composto, em sua maioria, por jovens brasileiros, tanto de escolas públicas quanto privadas, com uma diversidade de perfis, deve-se considerar as estratégias que Sociologia pode se utilizar para debater a juventude, relacionando-a com a disciplina, com o sistema educacional e com a sociedade. Com isso, pode levar o jovem a pensar e se perceber nos vários campos sociais dos quais faz parte: religião, cultura, política, etc. É importante sabermos que:

[...] a construção do discurso sobre o ensino médio exige decisões teórico-práticas, e não meras reflexões teóricas deslocadas da realidade. Por isso, cabe ao ensino de Sociologia desvelar o que é a sociedade junto com os estudantes do ensino médio [...] e isso pode justificar sua importância na escola básica e para toda a sociedade (SILVA SOBRINHO, 2007, p. 54).

A Sociologia não deve distanciar-se dos contextos sociais e políticos dos quais os jovens fazem parte, sob os riscos de fazer-se uma disciplina isolada, vazia e improdutivo. Conforme Fabiana Ferreira (2012), sua importância e tarefa encontra-se na sua capacidade de “promover a reflexão crítica voltada para a cidadania, levar o jovem a pensar sobre como se sente no mundo, sobre a sua capacidade para transformá-lo, favorecer a sua inserção social”. Através das discussões e reflexões sobre situações que fazem parte das diversas realidades vividas pelas juventudes do Ensino Médio, espera-se que a Sociologia permita-lhes observar os espaços e as práticas sociais com um olhar acurado e crítico.

2 | METODOLOGIA

Pensar as juventudes exige procedimentos e metodologias que sejam capazes de compreender e lidar com multiplicidades, diferenças, realidades e universos vividos por elas em seus contextos sociais e em suas formas de vida culturalmente construídas (REIS, 2006).

Desta forma, não há métodos mais apropriados do que os qualitativos para garantir uma percepção detalhada de cada indivíduo jovem e, principalmente, de seus grupos e espaços sociais; pois, como afirma Teresa Haguette (2013, p. 59), “[...] os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”.

Utilizamos uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, adotando as técnicas de grupo focal e entrevistas individuais, para a construção do “corpus” empírico. O grupo focal foi utilizado para construir uma compreensão de uma percepção geral dos estudantes a respeito da temática juventudes e do processo de ensino-aprendizagem da Sociologia (MORGAN, 1997; KITZINGER, 2000 apud TRAD, 2009). A partir dele e de seus resultados, realizamos as entrevistas individuais no intuito de observar e compreender as realidades e as percepções individuais dos estudantes, levando em consideração suas sensações e observações pessoais. Participaram da pesquisa jovens com idades entre 15 e 19 anos, estudantes do 2º ano do Ensino Médio.

As entrevistas e o grupo focal apresentaram uma estrutura de poucas perguntas que abordam nossos objetivos, pois

As perguntas do questionário aberto devem ser poucas: entre duas e cinco interrogativas são suficientes. [...] O número limitado de perguntas obriga o investigador a um trabalho cuidadoso em extremo. Com efeito, as indagações propostas ao sujeito, além de serem claras, precisas e expressas numa linguagem natural, adequada ao ambiente no qual se realiza a pesquisa, devem apontar os assuntos medulares do problema (TRIVIÑOS, 1987, p. 171).

Desta forma, as questões respeitaram o espaço escolar, as realidades e personalidades dos jovens. Tanto no grupo focal como nas entrevistas individuais, as perguntas adequaram-se aos objetivos da pesquisa e centraram-se nos sujeitos, debatendo o ensino de Sociologia e sua relação (ou não) com a temática Juventude(s) enquanto conteúdo programático.

3 | RESULTADOS OBTIDOS

À luz do aporte teórico desta pesquisa, estruturamos a análise das narrativas levando em consideração a relação que os jovens estudantes possuem com a disciplina Sociologia e como esta aborda (ou não), junto a estes jovens, a temática Juventude. Frisamos que os nomes dos estudantes citados aqui são fictícios na intenção de garantir a privacidade de suas identidades.

Assim, partimos do primeiro questionamento do grupo focal: vocês gostam de Sociologia? Por quê?

Eu, particularmente, gosto. Mas, tipo, eu acho que a disciplina ela é muito mal ensinada nas escolas. A disciplina de Sociologia fala, tipo, de sociedade. Tipo, ela tem que pegar o ponto de vista dos alunos e repetir; e falar o conteúdo sob o ponto de vista. E, tipo, não tem isso nas escolas do Estado. O que tem aqui, por exemplo: o professor dava um texto, ficava olhando pra nossa cara e não tinha, tipo, um debate ou alguma explicação. Porque, tipo, a matéria de Sociologia é pra pessoa debater e falar sobre gostos, formas de viver, de sociedades e não tinha isso aqui (Carlos Marques, 19 anos).

Observamos na fala do estudante Carlos Marques que ele possui um vínculo de afinidade com a Sociologia, contudo, esse vínculo é frágil em virtude da maneira pela qual o professor regente – formado em Ciências Sociais – desenvolve sua abordagem em sala de aula. Sociologia requer debate, questionamento, desconstrução de preceitos e preconceitos: um exercício contínuo de análises e reflexão (conforme o significado das competências específicas da Sociologia proposto pelos PCNs+).

A narrativa do jovem Carlos Marques e a análise acima são corroboradas pelas ideias da jovem Emanuelle Reis (16 anos), quando diz que não gosta de Sociologia “porque eu nunca entendi e o professor nunca soube explicar direito”, e também da jovem Mel Oliveira (16 anos), ao afirmar que também não gosta de Sociologia “pelo simples fato de

que, quando a gente perguntava algo sobre a matéria pro professor, nem ele mesmo sabia explicar”.

Analisando os pontos que as jovens colocam sobre os motivos pelos quais não gostam de Sociologia, percebe-se que a metodologia do professor regente, a qual não era didática, acabava afastando os estudantes da disciplina. Podemos afirmar que o maior responsável pela paixão do estudante por determinada disciplina é o professor e sua capacidade de apresentá-la para suas turmas de forma cativante. Ou seja, que a abordagem não reduza a Sociologia a uma disciplina técnica, academicista, com conteúdo enciclopédico e construída em cima da soma e memorização de informações, resultando para o estudante em uma disciplina sem valor (SARANDY, 2004; LAHIRE, 2014). E a Sociologia, que é um exercício de reflexão e raciocínio, não pode ser abordada de maneira diferente.

Quando questionados sobre as habilidades pedagógicas do professor regente para debater os conteúdos da Sociologia, correlacionando-os com as realidades sociais dos estudantes, deparamo-nos com respostas curtas e pontuais: “(o docente) não debate, apenas manda ler”, “(o docente) pouco debatia, poderia aprofundar e melhorar mais, mas poucas vezes saía dos textos do livro”. São respostas recorrentes nas falas dos estudantes. Podemos, a partir desta situação, polemizar: qual a diferença entre este método de ensino quase autodidata comparativamente a um ensino à distância de Sociologia? É importante que esse paralelo seja feito, ainda mais ao levarmos em consideração a ideia de educação proposta pelos PCNs+ (2002, p. 12), quando consideram que uma boa educação se constrói coletivamente entre escola (gestores, diretores e educadores), estudantes, família e comunidade, retirando o papel limitado de “transmissores” dos professores e o papel passivo de “pacientes” dos estudantes.

Assim, da forma como a Sociologia vem sendo construída na sala de aula do Ensino Médio, como ela seria capaz de promover o diálogo entre seus conteúdos e as vivências das juventudes no dia a dia? As aulas levam em consideração os aspectos individuais e pessoais dos estudantes no contexto de suas realidades sociais e de seu cotidiano? O jovem Carlos Marques (19 anos) diz que:

Sim (sente falta desse diálogo contextualizado em sala de aula), porque a Sociologia é pra debater assuntos sociais, tipo, o que a pessoa vive, o que a pessoa vê, o que a pessoa sente. Isso não é o que a Sociologia ensina pra gente hoje, o professor não chega a debater estes assuntos na sala de aula.

Sua fala carrega o anseio de discutir questões pessoais relacionadas ao seu cotidiano, ao seu contexto sociocultural e aos espaços sociais dos quais ele faz parte, além das próprias questões subjetivas que cercam sua vida social – “o que a pessoa vive, o que a pessoa vê, o que a pessoa sente”. Esse diálogo que permitirá ao estudante compreender suas participações na sociedade e, principalmente, contribuir com as construções identitárias como jovem e agente social potencialmente transformador.

O exercício de observação e reflexão garante uma tomada de consciência sobre sua identidade: quem é, qual o seu lugar, o que ele é capaz de fazer. Sem este exercício, corremos o risco de formar estudantes capazes apenas de agir sem consciência reflexiva, obedecendo às normas sociais sem questioná-las. Com isso, corre-se o risco de reproduzir o senso comum e preconceitos e, desta forma, sustentar uma sociedade incapaz de promover mudanças quando elas são necessárias.

A jovem Dandara Costa (15 anos) argumenta que o docente “ensinava bem, apesar dele se atrapalhar durante as aulas; e também meio que ele, às vezes, fugia do assunto”. Ensinar Sociologia não é o mesmo que ensinar a pensar sociologicamente. O professor (principal e inevitavelmente o professor de Sociologia) tem como missão conhecer os seus estudantes e suas realidades para, assim, saber como construir a sua disciplina. Neste contexto, o aluno Marcos Roberto (18 anos) vê a Sociologia através da prática docente do professor em questão:

Bom, eu acho que, dos conhecimentos que ele (o docente) passou, nenhum vai influenciar na minha vida, nenhum vai me ajudar; porque o que ele passava mais eram textos sobre coisas que aconteceram na História. E o que eu queria era saber coisas de atualmente, pra poder me ajudar no meu relacionamento com as outras pessoas. Ele passou mais coisas antigas.

O jovem apresenta seus anseios e demandas como estudante e ator social. Sua expectativa de “saber” através da Sociologia acabou frustrada em virtude do professor sociólogo não ter observado suas demandas. Geralmente, esse fato se dá por não ter levado em consideração as realidades e as individualidades dos jovens de sua turma no momento de construir sua metodologia de ensino e seus conteúdos programáticos – “me ajudar no meu relacionamento com as outras pessoas”.

Quando essa prática acontece, produz-se uma ruptura entre o estudante e o professor. Frustrou-se a expectativa de que o docente pudesse contribuir para a superação de problemáticas e dificuldades dos educandos, não apenas no campo escolar, mas também nas dimensões psíquicas e sociais. Apesar de muitos pesquisadores criticarem a sobrecarga de obrigações sobre todos os docentes (GASPARINI et al, 2005, p. 192), entendemos que, nas microrrelações em sala de aula, um educador não deveria ser insensível às problemáticas vividas pelos educandos. Como as disciplinas humanas tratam de modo mais direto sobre as vontades, sentimentos e sentidos das pessoas, elas podem contribuir com reflexões que dialoguem com as ansiedades dos estudantes, desde que o docente saiba articulá-las.

A partir das entrevistas individuais, quando perguntados se o docente ensinou a disciplina de forma que alguma questão dela tenha refletido em suas vidas, os estudantes foram precisos e concisos: não. O jovem Marcos Roberto (18 anos) justifica-se com uma informação interessante e que levanta debates: “Em Filosofia (o professor) já falou algo da nossa vida, mas em Sociologia, nunca. A gente quase não teve aula de Sociologia.

Tivemos poucas aulas e a maioria foi o senhor (neste caso, comigo, primeiro autor deste artigo, enquanto estagiário) dando aula ano passado (2018)”. O mesmo docente lecionava as disciplinas de Sociologia (área de sua formação) e de Filosofia (disciplina que lecionava para complementar sua carga-horária obrigatória).

Nestes moldes de ensino que pudemos observar, como a disciplina pode auxiliar na construção de diálogos e debates sobre juventudes e suas participações nos espaços sociais?

A proposta é compreender como os jovens estudantes veem na disciplina de Sociologia modos e ferramentas que permitam observar suas realidades, seus contextos socioculturais, construir autorreflexão sobre suas identidades e, fundamentalmente, sobre suas participações sociais, para além do senso comum.

Assim, questionamos aos educandos: “você se considera jovem? Por quê?”. Carlos Marques (19 anos) considera-se jovem “porque, tipo, eu só vou me considerar um homem (adulto) quando eu tiver fora de casa, com emprego e renda. E também minha idade, né. E eu gosto de coisas que jovens gostam de fazer, tipo sair, se divertir, encontrar amigos”. Em primeira mão, observamos que a fala de Carlos Marques traz a conceituação de juventude concebida pelo senso comum, marcada pela ideia de temporalidade que combinaria com uma certa falta de maturidade e experiência.

A percepção de Carlos não está assegurada exclusivamente pelos marcadores de cronologia (“minha idade”). Responsabilidades (“quando eu tiver fora de casa, com emprego e renda”) e práticas socioculturais associadas às juventudes (“sair, se divertir, encontrar amigos”) são elementos associados à juventude em sua moratória social, que são percebidos e difundidos pelo senso comum do que significa ser jovem. Estes elementos constroem uma visão das juventudes que, primeiramente, as condensa em um único grupo homogêneo, bem como acaba retirando delas suas possibilidades de participação e protagonismos sociais, tendo em vista que ainda não são adultos e não possuiriam maturidade para tal.

Assim, observamos que as demais falas dos jovens estudantes partilham da mesma linha de raciocínio: “me considero jovem por causa da falta de maturidade. De não ter tanta experiência como as outras pessoas mais velhas, pela idade, também, porque ainda sou muito novo” (Marcos Roberto, 18 anos); “Eu me considero jovem, além da idade, por eu não ter maturidade o suficiente pra me considerar uma pessoa mais velha, adulta” (Dandara Costa, 15 anos); “Eu me considero jovem por causa da idade, pelo que eu acho que eu sou e pelas coisas que eu faço e cumprio” (Luís Ângelo, 16 anos).

Diante das afirmações, questionamos, individualmente, aos sujeitos: você já teve oportunidade de discutir sobre a realidade dos jovens de Teresina? Se sim, o que foi discutido? A resposta dos revela a falta de debates acerca de temáticas do seu cotidiano por parte da Sociologia. Identificamos a ausência de abordagens às temáticas para construir discussões capazes de evocar nos jovens reflexões acerca de suas vidas e seus espaços sociais.

À pergunta, Marcos Roberto (19 anos) afirmou que “não, não tive a oportunidade, nunca houve discussão. Sempre foram aqueles textos (do livro didático) e só isso. Nunca foi trazido nada do que acontece ao nosso redor pra escola e pras aulas, não”. Dandara Costa (15 anos) disse que “não, só comentários, mesmo, mas nada aprofundado”. Carlos Marques (19 anos) foi conciso: “Não, não tive”. Luís Ângelo (16 anos), da mesma forma: “Não, nunca discutimos”. Emanuelle Reis (16 anos) comentou que “teve uma vez, foi até com o senhor (comigo, primeiro autor deste artigo, enquanto estagiário) no ano passado (2018). Mas só ali, com o outro professor, nunca”.

Como é possível ensinar Sociologia em sala de aula sem promover pensamentos reflexivos e debates democráticos entre os estudantes, conforme estabelecem as premissas da LDB e dos PCNs? Como provocar nos jovens o pensamento sociológico, sem correlacionar os conteúdos da disciplina com suas vidas pessoais e coletivas (“nunca foi trazido nada do que acontece ao nosso redor pra escola e pras aulas, não”)? Tal processo culmina na falta de interesse dos estudantes pela disciplina.

Questionamos os participantes, nas entrevistas individuais, quanto a se saberiam identificar alguma possibilidade de discussão, por parte da Sociologia, sobre as identidades juvenis. Especificamente sobre as maneiras pelas quais o professor da disciplina trata a questão da juventude e o que ele fala sobre os jovens, Marcos Roberto (18 anos) afirmou que era “difícil explicar, porque a gente nunca teve o assunto, nem debate”. Dandara Costa (15 anos) revelou que o professor “meio que só passava alguns textos, explicava pra gente e pronto, só isso. Não conversava nada sobre isso com a gente, não. Era sempre só o que tinha no livro”. Carlos Marques (19 anos) enfatizou que “ele não tratava. Ele pegava uma página do livro, botava a gente pra ler e ficava lá até bater o horário. Ele não debatia nada, ele só pegava o livro, botava a questão pra gente ler, perguntava se a gente entendeu, acabava o horário e pronto. De vez em quando ele falava alguma coisa, mas era bem pouco”. Luís Ângelo (16 anos) revelou: “nunca ouvi dizendo nada, não. Apenas ano passado (2018), quando eu estudava pela manhã, meu professor falava muito sobre a questão familiar, interação entre pai e filho, avós, tios; e aí eu meio que me senti com um conhecimento a mais porque ele transmitia confiança com estes assuntos. Mas com o professor da tarde, este ano (2019), não teve nada disso, não”. Emanuelle Reis (16 anos) respondeu, com certa frustração, que “ele (professor) praticamente não falava nada, porque ele só passava um texto e meio que não sabia explicar, não debatia direito. Ele só mandava a gente ler. Não debatia, não explicava por que é que acontecia, como é que fazia”.

Os estudantes expõem o quanto a disciplina, abordada da maneira descrita, se distancia de suas realidades e se nega a discuti-las enquanto temática da Sociologia. Infelizmente, essa é uma prática que fortalecimento do senso comum, esquivando-se das discussões e debates reflexivos em sala de aula que contribuiriam para a desconstrução de ideias e convicções sustentadas pelo pensamento cotidiano (a exemplo das ideias e noções do que é ser jovem apresentadas pelos próprios estudantes). A partir do momento em que

o professor regente esvazia a sala de aula de debates, os estudantes distanciam-se de outras formas de se pensar e de ver a vida e as práticas sociais; e, conseqüentemente, de se perceberem enquanto sujeitos históricos capazes de ocupar e transformar os espaços sociais dos quais fazem parte: construir suas identidades a partir de sua autonomia e do seu empoderamento, formando-se sujeitos com decisões, desejos, vontades, poder de escolha, opiniões, etc.

Ainda buscando observar se saberiam explicar como a Sociologia discute o conceito de juventude e, caso soubessem, como seria essa discussão, os jovens entrevistados continuaram revelando em suas respostas o vazio que a disciplina possuía, tal como manejada, na contextualização de seus conteúdos a partir das realidades e dos elementos socioculturais comuns às suas vidas: “Não, não sei. Até o que eu estudei hoje nunca foi discutido” (Marcos Roberto, 18 anos); “Não sei. (O professor) não fazia muito essas coisas, não discutia muito bem isso com a gente, não. Mais era coisa de antigamente e aí (ele) não entrava muito nesses assuntos, não” (Dandara Costa, 15 anos); “Pelo meu ponto de vista, é perguntando sobre o cotidiano de cada aluno. Mas não tivemos essa discussão na sala, só acho que é assim, perguntando, fazendo debates, mas não tinha isso” (Carlos Marques, 19 anos); “Acho que apenas observando o que os alunos fazem no dia a dia. A Sociologia estuda o ser humano, o comportamento, né? Mas nunca vi isso nas aulas” (Luís Ângelo, 16 anos); “Não muito, porque nunca vi isso na Sociologia” (Emanuelle Reis, 16 anos).

Deparamo-nos com jovens que, em suas falas, revelam como não conseguem identificar as noções, conceitos e teorias pelas quais a Sociologia poderia discutir a realidade da juventude. No entanto, não devemos observar este fato como culpa ou incapacidade desses estudantes, visto que o professor regente era o responsável por promover, através dos conteúdos sociológicos, os debates e as análises que permitiriam a construção do conhecimento e o domínio das discussões sobre essa e outras temáticas.

Desta forma, observamos o quanto o ensino de Sociologia construído em diálogo com as experiências e com os contextos socioculturais dos estudantes acaba por favorecer o distanciamento entre eles e a disciplina, tirando-lhes a oportunidade de formarem-se como agentes sociais e históricos. Além disso, contribui para que se reproduza o senso comum sobre o que é ser jovem.

4 | CONCLUSÃO

Ao investigarmos, a partir dos olhares dos jovens estudantes, o processo de ensino-aprendizagem da Sociologia e o seu desenvolvimento em sala de aula, pudemos perceber que este processo desenvolveu-se de forma fragilizada e distante das realidades dos educandos. Isto porque a disciplina, através da prática pedagógica conservadora do professor regente, não envolve os jovens no processo de debates e diálogos que a Sociologia é capaz de provocar. Assim, o ensino da disciplina constrói-se a partir de

uma única via – a do professor –, sustentado em leituras de textos do livro didático, sem contextualização com as realidades das juventudes e sem ouvir suas vozes e percepções sobre o mundo social.

Contudo, é importante ressaltar as condições da prática docente do professor sociólogo, por encontrar-se em uma função cada vez mais desvalorizada e precarizada no ensino público: lidar com uma rotina de trabalho exaustiva ao assumir a disciplina em diversas escolas para cumprir sua carga-horária; ter disponível apenas uma hora-aula semanal (um tempo escasso para se desenvolver uma disciplina que lida com interpretações, questionamentos, debates e reflexões); falta de concursos para professores efetivos de Sociologia, bem como a remuneração abaixo do teto para os professores contratados através de concursos temporários; professores formados em outras áreas de conhecimento que assumem a disciplina e contaminam a discussão sociológica com seus conhecimentos diletantes, etc.

Assim, pudemos observar que, no contexto estudado, as juventudes não se relacionam com a disciplina de Sociologia a partir das experiências vivenciadas em seus contextos sociais: verificamos que há um distanciamento dos estudantes perante os saberes da disciplina, mesmo por parte daqueles que gostam dela, tendo em vista que a prática pedagógica conservadora do professor não os envolveu em debates que contemplassem suas experiências, seus anseios, suas realidades e suas identidades. Quando a Sociologia não envolve os estudantes, no processo pedagógico, através de diálogos e reflexões, ela os exclui de sua própria formação pessoal e intelectual, contribuindo para que estes jovens mantenham opiniões fundamentadas no senso comum e sem a sensibilidade para compreender e questionar os espaços e regras sociais dos quais fazem parte e que os constituem.

A Sociologia, conforme preconiza Oliveira (2016, p. 11), é uma disciplina cuja presença em sala de aula representa uma demanda, por parte da sociedade, de uma educação de qualidade⁴, mas não necessariamente uma política do Estado Brasileiro. Assim, os estudantes que mais precisam “das reflexões da sociologia para a compreensão das transformações inerentes à condição juvenil, são os que menos se beneficiam de sua contribuição para responder às questões de seu tempo”.

Desta forma, podemos concluir esta investigação com os seguintes desafios propostos para a Sociologia na educação básica: primeiramente, a garantia de sua presença na grade curricular do Ensino Médio brasileiro (e não que tenha apenas seus conteúdos discutidos transversalmente por outras disciplinas); que seja ministrada por professores formados na área; bem como – e não menos importante – que seja construída a partir de estratégias e práticas pedagógicas que se aproximem das realidades dos estudantes,

4. Diferentemente do governo brasileiro que, a partir das mudanças da LDB no ano de 2017, praticamente, retirou a obrigatoriedade do ensino da Sociologia nas escolas, tendo em vista que a Lei nº 13.415/17 apenas vê a possibilidade de discutir-se os conteúdos de Sociologia em sala de aula, mas não prevê estes conteúdos discutidos através da obrigatoriedade da disciplina.

garantido que os debates sociológicos em sala de aula possam ser somados e adaptados pelos jovens em suas vidas e, assim, possam perceber sua contribuição em todas as suas relações e seus espaços sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Osias. Popper e o Paradoxo da Tolerância. **Jornal GGN**, 2015. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/popper-e-o-paradoxo-da-tolerancia/>. Acesso em: 18 jun. 2020;

APPLE, Michel. A educação e os novos blocos hegemônicos In: RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**, (Coleção o que você precisa saber sobre...). 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004;

BRASIL, Lei nº 9.394/96, de 20 de dez. De 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**, Brasília, DF, dez de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 jun. 2020;

BRASIL, LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017. **Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, fev 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 8 jan. 2019

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEB, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>. Acesso em: 18 jun. 2020;

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos (Org.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007;

FERREIRA, Fabiana. A Sociologia no Ensino Médio: concepções de professores sobre formação crítica para a cidadania. **Estudos de Sociologia – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**. V. 2, n.18, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235248/28269>. Acesso em: 18 jun. 2020;

GASPARINI, Sandra et al. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, mai/ago 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a03v31n2.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020;

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 14ª ed. – Petrópolis, RJ: vozes, 2013;

HUMANISMO CABOCCLO. **Sobre o Humanismo Caboclo**. Disponível em: <https://www.humanismocaboclo.com/sobre>. Acesso em: 18 jun. 2020;

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? In: **Revista de ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, jan/jun, 2014;

MÜLLER, Elaine. "As Palavras Nunca Voltam Vazias": reflexões sobre classificações etárias. In: **Jovens & Juventudes**. ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza; FERREIRA JÚNIOR, Edísio (orgs. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2005;

OLIVEIRA, Eduardo Augusto Moscon et. al. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, formação docente e a gestão escolar**. Disponível em: <https://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/EduardoAugustoMosconOliveira-ComunicacaoOral-int.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020;

OLIVEIRA, Jonas Henrique. Sociologia, juventude e educação: dilemas, problemas e desafios. In: **Revista MovimentoAção**. V. 03, n.04, 2016;

REIS, Vânia. Juventude e Juventudes. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; ADAD, Shara Jane Holanda; FERREIRA, Maria Dalva Macedo (Org.). **Jovens e crianças: outras imagens**. Fortaleza: Edições UFC, 2006;

SARANDY, Flávio Marcos Silva. Reflexões acerca do sentido da sociologia no ensino médio. In: Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio. Org. carvalho, Lejeune Mato Grosso de. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004;

SILVA, Fabiano P. A sociologia brasileira e os primeiros estudos sobre a juventude e o universo estudantil. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 16, 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero16.html>. Acesso em: 18 jun. 2020;

SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. Eu odeio/adoro sociologia: os sentidos que principiam uma prática de ensino. In: **Leituras sobre sociologia no ensino médio**. Org. PLANCHEREL, Alice Anabuki; OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. Maceió: EDUFAL, 2007;

SOUZA, Maria Antonieta Albuquerque de. A juventude no plural – anotações sobre a emergência da juventude. In: **Jovens & Juventudes**. ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Tereza; FERREIRA JÚNIOR, Edísio (orgs. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2005;

TRAD, Leny A. Bomfim. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde**. Physis, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2020;

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. – São Paulo: Atlas, 1987;

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília: Unesco, 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alvenaria Estrutural 16, 22
Anúncio Audiovisual 53, 55, 57, 59, 61, 65
Arquivologia 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

B

Bagaço do Caju 16, 17, 20, 21, 22

C

Cidadania 106, 109, 110, 118, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 156, 171
Comportamento 18, 23, 38, 42, 57, 66, 74, 79, 116, 146, 156
Concreto Armado 16, 18, 22
Conjuntura 102
Consumidor Infantil 38
Consumismo 41, 52, 74, 75, 76, 79, 81
Consumo de Notícias 67, 70, 71
Cultura 35, 37, 39, 40, 46, 51, 53, 54, 55, 56, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 90, 91, 92, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 110, 128, 140, 141, 156, 158, 169
Currículo 120, 121, 123, 124, 126, 127, 128, 130, 132, 133, 139, 141, 142

D

Design de Vestuário 24, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34
Diploma 92, 94, 99, 100, 102, 103
Disciplina 4, 91, 96, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 126, 128, 134, 136, 140, 164

E

Educação Básica 13, 109, 117, 118, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 141
Escola Pública 48, 105, 106, 120, 129, 143, 149, 155
Esportes 157, 162, 165, 169
Estudo de Caso 120

F

Ferrovia 157, 158, 159, 160, 161, 162, 166, 167, 168, 169
Fibras 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

H

Histórico-Crítica 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142

I

Imigrantes Bolivianos 143, 145, 146, 153

Imprensa 15, 73, 129, 157, 159, 162, 165, 167, 169

Inclusiva 37, 143, 145, 146, 149, 151, 155

Integração Social 143, 145

Interações Construídas 105

J

Juventude 13, 14, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 116, 118, 119

L

Linguagem Discursiva Regional 53, 65

M

Mercados de Informação 82, 83, 84, 85, 87, 88

O

Obsolescência Programada 33, 74, 78, 79, 81

P

Pedagogia 127, 129, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142

Plataformização 67, 68, 69, 72, 73

Práticas Emancipatórias 120, 121

Produtos 16, 17, 26, 28, 29, 31, 32, 34, 36, 39, 42, 43, 45, 49, 51, 56, 59, 69, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 123, 160, 161

Profissão 92, 99, 102

Publicidade 39, 40, 53, 54, 55, 56, 57, 65, 67, 72, 75, 81

S

Serviços 13, 14, 27, 39, 75, 76, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 102, 121, 153

Sociologia 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 153, 169

Sustentabilidade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 81

T

Tweens 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

 **Atena**
Editora

Ano 2020